

## Brasil canavieiro: o futuro não pode esperar

**A**nalisar a safra que passou trata-se de um importante momento de reflexão em que se constrói um balanço dos resultados decorrentes das ações tomadas dado um determinado cenário. É parte integrante do processo para a tomada das próximas decisões visando o desenvolvimento e melhores resultados. Não por acaso, as previsões sobre as safras futuras são acompanhadas por expectativas e inquietações.

Para o setor sucroenergético não é diferente. As palestras da 1ª Reunião Canaplan 2012 “Perspectivas da Safra 2012/13 – Região Centro/Sul” incluíram uma análise da safra brasileira de cana-de-açúcar 2011/12 e projeções para 2012/13; um balanço global açucareiro e alcooleiro; discussões sobre os mercados nacionais de açúcar, etanol e gasolina; e perspectivas econômicas. Os dados e informações apresentadas reforçaram a necessidade de cautela e de estratégias para que o setor enfrente esse período adverso e saia vitorioso.

Segundo a consultoria, as usinas e destilarias do Centro/Sul do Brasil devem processar 470 milhões de toneladas de cana-de-açúcar na safra 2012/13, uma queda de, aproximadamente, 5% em relação ao volume de 493 milhões de toneladas da safra anterior. “É uma estimativa realmente pessimista, porque estamos mal impressionados com o desenvolvimento da safra. O pior é que ela chega ainda com viés de baixa”, disse o sócio-diretor da Canaplan, Luiz Carlos Corrêa Carvalho.

Essa situação decorre de problemas estruturais e cíclicos que devem continuar a impactar na produção. Entre os problemas estruturais podem ser citados o aumento gradual na idade média dos canaviais, o menor uso de insumos modernos decorrente da falta de investimentos, a elevada incidência de pragas e doenças e os custos altos. Dentre os problemas cíclicos estão a seca de 2010, o florescimento e as geadas de 2011, e a queda maior na oferta de etanol do que de cana. Segundo a Canaplan esta fase de baixa, que pode ser representada por um vale, terá duração de 3 a 4 safras, com recuperação que só deve ocorrer após o ciclo 2014/15.



*Evento Projeto Safra Canaplan. Ao lado, Luiz Carlos Corrêa Carvalho*

É importante ressaltar que o futuro do setor sucroenergético trás novos componentes, sendo um deles a sustentabilidade. Será preciso voltar a olhar os fundamentos agronômicos em busca de maiores produtividades. As tendências incluem a abertura

cada vez maior do mercado; a continuidade da concentração, mas com novos players; e a expansão fora das áreas tradicionais de plantio.

O balanço global açucareiro e alcooleiro, apresentado por Martin Todd da LMC International, se mostrou mais restritivo ao primeiro do que ao segundo. A alta no preço do açúcar tem estimulado a produção em outros países, como Índia, Tailândia, Rússia, Paquistão entre outros. Entretanto, em termos de competitividade brasileira no cenário global, além da produção, é preciso estar atento à capacidade de processamento nesses países e acompanhar se há presença de excedente, investimentos em expansão ou limitações em função de questões políticas regulatórias internas.

Já o etanol brasileiro apresenta possibilidade para a expansão do seu mercado internacional nos Estados Unidos e na União Europeia em função dos mandatos dos governos. Isso, aliado ao potencial no mercado interno - em que há espaço para crescimento da demanda, mas a competição com a gasolina tem se mostrado árdua - deixa claro que se o mundo desejar o suprimento de açúcar ou etanol brasileiro, o mercado externo deverá pagar, no mínimo, o preço pago pelo mercado interno no etanol.

As discussões sobre os mercados nacionais de açúcar, etanol e gasolina não trouxeram informações diferentes daquelas já conhecidas pelo setor, porém, ditas friamente, mostram o recrudescimento das dificuldades já encaradas nos últimos anos: a competição desleal do preço do etanol com o preço subsidiado da gasolina e diesel. Segundo Tarcilo Rodrigues da Bioagência, a Petrobrás perde 30 centavos de real a cada litro de gasolina importada; e, de acordo com dados mostrados por Luiz Silvestre da ED&F MAN, o açúcar brasileiro já não desfruta do tão atrativo baixo custo de produção, mas o país ainda se mantém competitivo no cenário mundial.

O painel sobre perspectivas econômicas ficou a cargo de Alexandre Figliolino, do Itaú BBA, que fez uma comparação entre a crise de 2008/09 com a atual, indicando uma mudança no comprometimento do governo com o setor: “É preciso entender o que o governo quer: um setor dinâmico que cresça de 6 a 7% ao ano, ou um setor medíocre, que cumpra seu papel na produção mundial de açúcar e que decreta o fim do etanol hidratado”.

Segundo Carvalho a grande discussão é de modelo: “Medidas de estímulo dão alívio, mas não perspectivas. O setor privado está fazendo todo o esforço, mas é preciso voltar aos fundamentos da política pública para o etanol. Eu espero que o governo tenha esta sensibilidade, e isto inclui até um posicionamento mais firme do governo de São Paulo, que representa 60% da produção nacional. É preciso definir agora o que se quer para o futuro.”, resumiu.

# PROGRAMA EDUCACIONAL “ SUSTENTABILIDADE: ASS

Já virou tradição: o início das atividades do Programa Educacional “Agronegócio na Escola” acontece com a presença do ex-ministro Roberto Rodrigues, para proferir a palestra de capacitação para os professores das escolas municipais participantes.

Neste ano, na 12ª edição do Programa, um toque de nostalgia tomou conta de um dos maiores especialistas em agronegócio do Brasil: “há 50 anos, desde que comecei a dar aulas na Unesp de Jaboticabal, em 1964, eu tenho falado praticamente a mesma coisa, muda a forma, os dados, a conjuntura, mas falo sobre o que eu acredito, o cooperativismo e o agronegócio. As vezes isto me é cobrado, mas não dá para fugir dessa realidade, dessa verdade. O que compensa é saber que as ideias que venho difundindo encontram solo fértil, germinam e florescem. A colheita tem sido farta, e aqui no Programa da ABAG/RP eu sinto, todo ano, esta resposta positiva dos professores”

Cerca de 120 participantes, entre diretores, coordenadores e professores, de 25 cidades e 75 escolas da região de Ribeirão Preto assistiram à palestra sobre sustentabilidade, com foco no agronegócio. Este é o tema do momento no mundo e no Brasil, principalmente em função de eventos internacionais e da votação do Novo Código Florestal. Um tema muitas vezes permeado por interpretações pessoais e ideológicas que acabam suscitando dúvidas e incertezas.

Ao traçar um histórico dos últimos 20



anos sobre preocupação ambiental, com seu vocabulário simples e direto, porém repleto de conhecimento e carregado da credibilidade de quem participou das principais discussões mundiais sobre sustentabilidade, Roberto Rodrigues conseguiu trazer a discussão para mais perto dos professores.

Resumiu a Rio 92, que estabeleceu parceria entre estados, setores da sociedade e os povos na busca pelo crescimento sustentável, e cujos dois principais resultados foram: a Agenda 21, para dar efeito prático aos princípios aprovados; e o Protocolo de Kyoto, o maior tratado internacional, até agora, para a redução da emissão dos gases do efeito estufa.

Sobre a RIO +20, marcada para junho próximo e cujo objetivo é renovar o

comprometimento político com o desenvolvimento sustentável, ordenado pela chamada Economia Verde, considerou que esta será a grande oportunidade para o Brasil mostrar a competência do seu agronegócio.

Roberto Rodrigues apresentou com maestria o agronegócio brasileiro como a grande esperança para suprir com alimentos, fibras e energia a crescente população mundial ao expor com clareza e argumentos técnicos as vitórias já conquistadas pelo setor, que tornaram seus sistemas produtivos mais sustentáveis.

Os avanços concretos da agropecuária em relação à preservação dos recursos naturais, questões sociais e desempenho econômico resultaram das pesquisas desenvolvidas e da aplicação de tecnologia no campo. E será com novos investimentos, estruturação de estratégias internas e parcerias com outros países que o Brasil poderá assumir seu papel de liderança mundial na nova economia verde.

A positividade da palestra contagiou os professores. Os conceitos fundamentais foram passados e poderão ser trabalhados ao longo do ano pelos professores em suas salas de aula, com o apoio do material fornecido pela ABAG/RP: a Cartilha Educacional e o Vídeo Institucional “Agronegócio: sua vida depende dele”; e o vídeo “Agronegócio e Sustentabilidade”. A missão de cada professor será repassar essas informações aos alunos e buscar novos olhares para esta discussão, um trabalho digno de reconhecimento.



## Semente g

E foi justamente para reconhecer o trabalho que, ao final do evento, a ABAG/RP concedeu o Prêmio Escola Destaque de 2011 para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª. Maria Sylvia Traldi de Marco, de Descalvado-SP. A escola conseguiu traduzir em ações toda capacitação oferecida pela ABAG/RP no ano que passou. Seus professores souberam transformar o que ouviram na palestra de capacitação, e o que viram nas visitas às empresas do agronegócio, em conteúdo educa-

# 'AGRONEGÓCIO NA ESCOLA'

## SUNTO PARA EDUCAÇÃO

### O tamanho do desafio mundial

Produção (milhões de t)	Atual		2050	É igual a ... vezes a produção do Brasil
	Brasil	Mundo	Mundo	
Carnes	9,2	65,1	+ 61%	(04 x)
	3,1	105,1	+ 60%	(20 x)
	12,2	92,6	+ 108%	(08 x)
Grãos	8,6	458,8	+ 24%	(13 x)
	52,7	1.112	+ 52%	(11 x)
	62,0	407,9	+ 96%	(06 x)
	36,7	161,5	+ 83%	(08 x)

A demanda adicional por área será de 81,7 milhões de ha. O Brasil tem condições de ceder aproximadamente 60 milhões de ha a partir da intensificação do rebanho bovino.

Fonte: IACR e FAO (fev/2011)

### Sustentabilidade - Triple Bottom Line



### Metas Brasileiras de Redução das Emissões de GEEs Política Nacional de Mudanças Climáticas

Ações de Mitigação	Emissão Tendencial em 2020 (milhões de tCO <sub>2</sub> e)	Meta de redução em 2020 (milhões de tCO <sub>2</sub> e)	Proporção de Redução
Uso da terra	1.084	669	34,7%
Redução no Desmatamento do Bioma Amazônia (30%)		564	30,9%
Redução no Desmatamento do Bioma Cerrado (40%)		104	3,8%
Agricultura	627	151	4,3%
Recuperação de Pastos		88	3,1%
ICP - Integração Lavoura-Pecuária		22	0,7%
Plantio Direto		16	0,5%
Integração Biológica de Nitrogênio		15	0,5%
Energia	901	207	6,3%
Eficiência Energética		12	0,4%
Incremento do uso de biocombustíveis		60	1,8%
Expansão da oferta de energia por Hidroelétricas		79	2,9%
Fontes Alternativas (PCH, Bioeletricidade, eólica)		26	1,0%
Outros	92	10	0,3%
Síndergia - substituir carvão de serragem por plantado		10	0,4%
<b>Total</b>	<b>2.708</b>	<b>1.052</b>	<b>38,9%</b>

Entre 86% e 88% da meta brasileira está diretamente relacionada à agricultura

Fonte: IACR, MMA, MAPA, MME, MCT, MCTC, MCT, MCTI e Casa Civil. 12 de novembro de 2009

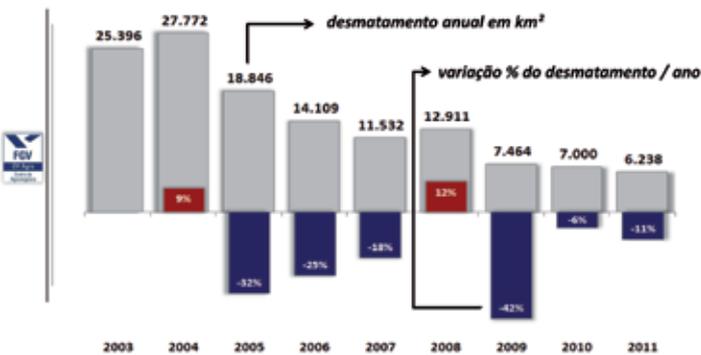
### Produção brasileira de grãos

(Safras 1990/91 a 2011/12)



Fonte: Companhia Zélio. Nota: \* AP-Estatística. Elaborado por Agro-Design

### Evolução do Desmatamento na Amazônia



Fonte: Ministério do Meio Ambiente. Elaboração: CV Agro

### Brasil - uso da terra

Divisão Territorial (milhões de ha)	% Área Total	% Área Agrícola
<b>Brasil</b>	<b>851</b>	<b>100%</b>
Área Agrícola	329,9	38,8%
Área Plantada (anual e perene)	72,2	8,5%
Grãos	49,9	5,9%
Soja	24,2	2,8%
Milho	13,8	1,6%
Arroz	4,0	0,5%
Algodão	2,8	0,3%
Cana-de-açúcar	9,2	1,1%
Café	2,2	0,3%
Laranja	0,8	0,1%
Floresta Plantada	6,5	0,8%
Pastagem	172,0	20,2%
Área Disponível = agricultura + pastagem	85,7	10,1%

Fonte: IBGE (Censo Agropecuario e Pecuário Agropecuario) e Censo Agropecuario do Brasil. Elaboração: CV Agro

# erminada

cional. Ao estruturar uma feira de agronegócio, a escola conseguiu envolver seus alunos com o tema de forma inovadora, aliando prática à teoria. O empreendedorismo foi o pano de fundo da feira, os alunos criaram empresas do agronegócio que aliavam produção e respeito ao meio ambiente, criatividade e inovação tecnológica. Foi uma semente que floresceu. Agora é esperar para ver o que vai brotar neste ano de 2012.



# Terminal logístico da Usina São Martinho Investimento privado supre deficiências do setor público

A maior processadora de cana-de-açúcar do mundo, a Usina São Martinho, localizada em Pradópolis (SP), inaugura no mês de maio seu terminal logístico multimodal para transporte de açúcar. Uma iniciativa que com certeza vai colocá-la, mais uma vez, como referência dentro do setor sucroenergético.

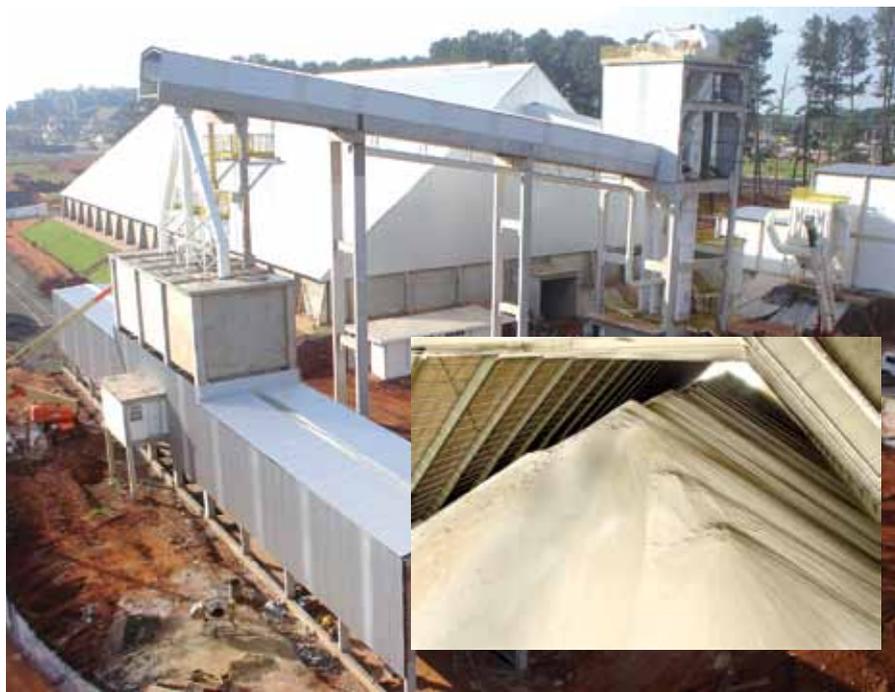
A Usina, que tem capacidade para moer 8,5 milhões de toneladas de cana e produzir 600 mil toneladas de açúcar, até a safra 2009/10 transportava 30% de sua produção por via férrea. Já na safra 11/12, antes da inauguração do terminal, a unidade bateu recorde de transporte de açúcar via modal ferroviário. Foram mais de 1 milhão de toneladas de açúcar transportado por trem direto da usina ao porto de Santos. Deste total, grande parte representada pela produção própria.

Com um investimento de R\$ 30 milhões, o novo terminal foi construído para atender a recepção de açúcar de terceiros. O armazém construído tem capacidade estática de 60 mil toneladas, deixando os outros dois armazéns existentes, com capacidade de 110 mil toneladas cada, apenas para uso do Grupo.

O terminal logístico da Usina São Martinho é fruto de uma parceria com a empresa RUMO Logística, e já em seu primeiro ano de atividade deve movimentar mais de 2 milhões de toneladas de açúcar.

Os trilhos antigos foram readequados para agilizar a operação. Cada composição chegará a 85 vagões, o que significa 1,5 km de extensão em cada viagem.

Com o novo terminal 57 mil via-



Armazém para embarque ferroviário de açúcar, na Usina São Martinho

## Ferrovia vs Rodovia



A evolução no transporte ferroviário no transporte de açúcar representa uma mudança definitiva para a matriz de transporte:

**1.700.000 toneladas representa uma redução de mais de 48.000 embarques rodoviários por ano entre o Interior/SP e o Porto Santos.**

-Redução no custo de frete;

-Maior competitividade;

-Ganho ambiental, redução significativa de gases do efeito estufa,

-Redução de Sinistros

-Redução da quantidade de veículos nas estradas reduzindo congestionamentos e acidentes;



 São Martinho

gens de caminhão Pradópolis-Santos, 400 km de distância, deixarão de acontecer, reduzindo o consumo de combustível, a emissão de gases do efeito estufa, aumentando a segurança nas estradas paulistas e a competitividade das empresas que utilizam o serviço.

Para Wagner Masieiro, gerente de logística do Grupo São Martinho, os ganhos são estratégicos para a companhia. “Além de garantir o transporte do nosso açúcar, passamos a ser um centro de captação do produto de outras usinas da região”, afirma.